**O PAPEL DE UMA UNIVERSIDADE NA IMPLANTAÇÃO DE UM ECOSSISTEMA DE EMPREENDEDORISMO NO VALE DO JEQUITINHONHA, MINAS GERAIS, BRASIL**

Antonio Genilton Sant’Anna

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM

e-mail: agsantanna@ufvjm.edu.br - ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-2639-3001>

Paulo César de Resende Andrade

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM

e-mail: paulo.andrade@ict.ufvjm.edu.br - ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-7865-8174>

**RESUMO**

As exigências atuais para os profissionais com ensino superior, especialmente para aqueles que irão exercer suas atividades em regiões carentes de um país em desenvolvimento, aponta para a necessidade de as universidades nelas localizadas assumirem, também, uma função participativa na economia, além das tradicionais atividades de ensino, pesquisa e extensão. Este trabalho baseia-se na premissa de que a orientação dessas universidades para o empreendedorismo inovador, apoiando ecossistemas empreendedores, resultarão em aumento da eficácia da universidade e na confiança da sociedade, tornando-a mais sustentável. A revisão da literatura aborda os conceitos na área dos ecossistemas de empreendedorismo e inovação e a necessidade de promover o empreendedorismo inovador, que tenha uma abordagem integradora. Com base na literatura é apresentado um painel metodológico sobre o que fazer numa universidade, situada em uma região pobre do Brasil, para que esta contribua efetivamente para o desenvolvimento regional sustentável.

**Palavras-Chave:** alianças estratégicas; ecossistema empreendedor; empreendedorismo; empreendedorismo inovador; universidade empreendedora.

**ABSTRACT**

The current requirements for professionals with higher education, especially those who will work in underprivileged regions of a developing country, point to the need for universities located in these areas to also take on a participatory role in the economy, in addition to their traditional activities of teaching, research, and outreach. This work is based on the premise that directing these universities toward innovative entrepreneurship, supporting entrepreneurial ecosystems, will result in increased university effectiveness and societal trust, making it more sustainable. The literature review addresses concepts in the field of entrepreneurship and innovation ecosystems and the need to promote innovative entrepreneurship with an integrative approach. Based on the literature, a methodological framework is presented on what a university located in a poor region of Brazil should do to effectively contribute to sustainable regional development.

Keywords: entrepreneurial ecosystem; entrepreneurial university; entrepreneurship; innovative entrepreneurship; strategic aliances.

INTRODUÇÃO

De acordo com a FAPESP (2002), um trabalho realizado por pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) constatou que a Natureza não foi das mais pródigas para a região central do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, no Brasil. Nela falta chuva, o solo não é fértil e as águas subterrâneas, que poderia ser uma alternativa para a carência de recursos hídricos superficiais, têm alto índice de salinidade. No entanto, como tão bem descreve Henriques (2018), no Vale do Jequitinhonha:

“Os olhos sobre as paisagens vão compondo um mapa de variados tons, das chapadas aos fundos dos vaus, das montanhas de pedra à grande cordilheira, das matas aos cerradões, dos campos rupestres à caatinga, dos diamantes e águas-marinhas ao granito e ao minério de ferro. Grandes distâncias a vencer, caminhos difíceis, casinhas longe de tudo, quase isoladas do resto do mundo, onde se habita um outro espaço-tempo. De outro lado, cidades agitadas pelas multiconexões, juventudes com ânsia de possibilidades” (HENRIQUES, 2018, p. 1).

É neste cenário de contraditória pobreza que se insere uma universidade sobre a qual recai a honrosa missão de apoiar a criação e manutenção de um ecossistema de empreendedorismo e inovação – a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) – 96º posição no *ranking* das universidades empreendedoras, dentre as 198 universidades então existentes no Brasil (UNIVERSIDADES EMPREENDEDORAS, 2021). Segundo Diaconu e Dutu (2015), a literatura econômica considera o empreendedorismo como um fator determinante no crescimento econômico, e atribui ao empreendedorismo inovador o papel de contribuir para o desenvolvimento econômico e social. Este fator, ao aproveitar as oportunidades e inovar, aumenta a riqueza e cria valor para a sociedade.

A UFVJM busca aprimorar, em seus estudantes, a capacidade de aprender a aprender, bem como a desenvolver competências científicas, tecnológicas e comportamentais, para que possam contribuir, efetivamente, no desenvolvimento sustentável da sociedade. Porém, é a inserção dos diplomados no mercado de trabalho, a colaboração com as empresas e o grau de capitalização dos resultados da pesquisa, que são as questões estratégicas na avaliação da qualidade da gestão universitária (DIACONU e DUTU, 2015). Ante às dificuldades impostas pelo apoio financeiro governamental pouco atrativo e de um mercado de trabalho cada vez mais limitado, será por meio do desenvolvimento de uma cultura empreendedora inovadora que a universidade poderá garantir sua sustentabilidade. Neste sentido, uma questão fundamental para a UFVJM alcançar este objetivo, é desenvolver ligações com os agentes que fomentam, organizam, e desenvolvem empreendimentos. É a conexão com estes agentes - empresas já consolidadas, coworkings, investidores, eventos e programas de empreendedorismo, aceleradoras, incubadoras, parques tecnológicos e projetos de cidades inteligentes - que possibilitam que as ideias inovadoras saiam do papel (ABSTARTUPS, 2023).

Acredita-se que a UFVJM possa desenvolver um sistema empreendedor inovador criando ou fortalecendo as estruturas científicas e tecnológicas capazes de gerar valor a partir dos conhecimentos existentes e pela comercialização dos resultados de pesquisas devidamente protegidas. Além disso, o espírito inovador é também apoiado pela promoção da cultura empreendedora entre alunos e professores, criando um ambiente estimulante, capaz de aumentar o número de projetos empreendedores. Desenvolver parcerias com empresas por meio da criação de incubadoras, parques tecnológicos, distritos industriais, parcerias público-privadas e estimular a participação na transferência de conhecimento e tecnologia, ajuda a fortalecer o desempenho da universidade. Assim, partindo dos conceitos apresentados na literatura relacionados ao empreendedorismo e de estudos sobre o papel desempenhado pela universidade na sociedade, foi desenvolvido um quadro metodológico sobre um novo tipo de gestão universitária - a gestão empreendedora (DIACONU e DUTU, 2015). Espera-se que isso contribua para aprimorar a UFVJM enquanto universidade empreendedora e inovadora, com um papel claramente definido em um possível ecossistema empreendedor no Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais, Brasil.

**EMPREENDEDORISMO E ECOSSISTEMA EMPREENDEDOR**

Os conceitos de empreendedor e empreendedorismo são definidos de várias maneiras na literatura. O termo “empreendedor” vem do francês ‘*entreprendre*’ que se refere à atividade de compra de bens para revenda (DIACONU e DUTU, 2015). Empreendedorismo, por sua vez, foi definido por economistas clássicos britânicos, como Adam Smith e John Stuart Mill, como a tomada de decisões empresariais relativas à alocação de recursos (CRISAN, 2010). Na opinião de Brown e Ulijn (2004, p. 5), “empreendedorismo é um processo de exploração de oportunidades que existem no ambiente ou que são criadas através da inovação na tentativa de criar valor. Muitas vezes inclui a criação e gestão de novos empreendimentos comerciais por um indivíduo ou uma equipe”. O empreendedorismo é um fenômeno global, que tem influenciado e diferenciado o desenvolvimento sustentável de países, estados e municípios desde a idade média. Tem sido estudado, pesquisado e incorporado, enquanto disciplina, em cursos de formação profissional mundo afora. Segundo Degen (2009), o empreendedorismo é um dos motores fundamentais da economia. São as habilidades de saber reconhecer e avaliar oportunidades, ser criativo e inovador, e empreender, iniciando negócios, que garantem o sucesso e a sobrevivência de pessoas e organizações. Além disso, é necessário promover a sustentabilidade empresarial, garantindo os resultados econômicos, preservando os finitos recursos naturais e o ambiente, reduzindo a pobreza e garantido a justiça social (OLIVEIRA, OLIVEIRA e SANT'ANNA, 2021). Dornelas (2008) afirma que empreendedorismo significa fazer algo novo, diferente, que altere a situação atual e busque, incessantemente, novas oportunidades de negócio focados em inovação e criação de valor.

Para os fins argumentativos deste trabalho, a inovação é definida como “tecnológica de produto”, que é “a implantação/comercialização de um produto com características de desempenho aprimoradas de modo a fornecer objetivamente ao consumidor serviços novos ou aprimorados”; e de “processo tecnológico”, que é “a implantação/adoção de métodos de produção ou comercialização novos ou significativamente aprimorados. Ela pode envolver mudanças de equipamento, recursos humanos, métodos de trabalho ou uma combinação destes” (OCDE, 2004, p. 21).

A junção de empreendedorismo e inovação corporifica-se no empreendedorismo inovador. Os empreendedores têm um papel crítico no processo de inovação, sendo a competência empreendedora fundamental no processo de transferência de conhecimento por meio da comercialização dos resultados da investigação científica protegida. O empreendedorismo inovador é um fator chave do desenvolvimento econômico (ZSUZSANNAA e HERMAN, 2012).

Dahlstrand e Stevenson (2017) fizeram a distinção entre empreendedorismo e empreendedorismo inovador no que tange aos empregos. Enquanto o empreendedorismo visa criar empregos, o empreendedorismo inovador visa criar empregos qualificados, capazes de gerar valor agregado aos produtos ofertados à sociedade, como resultado da capitalização das oportunidades e da inovação. Zsuzsannaa e Herman (2012) analisaram a relação entre o empreendedorismo inovador e o desenvolvimento econômico para destacar como a inovação e o empreendedorismo podem influenciar o nível de desenvolvimento econômico. Concluíram que “o empreendedorismo inovador é essencial para sustentar as economias de mercado emergentes” e que “todas as iniciativas emblemáticas: inovação, educação, sociedade da informação, clima, competitividade e mercado de trabalho apresentam desafios para as economias de mercado emergentes” (p. 273). Na opinião das autoras, as políticas incentivadoras do empreendedorismo inovador devem estar relacionadas com a melhoria do sistema educativo, o aumento do número de diplomados do ensino superior e o aumento do financiamento para o ensino superior e a pesquisa.

O artigo de Diaconu e Dutu (2015), no qual este trabalho se apoia, relata que o espírito empreendedor tem sido abordado desde o início dos anos de 1940, na Harvard Business School (HBS), onde Myles Mace desenvolveu, em 1947, um curso de gestão de novas empresas. Este foi ampliado por Frank L. Tucker, no período de 1964-1969, e depois por Patrick R. Liles no período de 1970-1973. Em 1974, Liles escreve o livro “New Business Ventures and the Entrepreneur”, dedicado ao espírito empreendedor. Desde então, a literatura econômica tem mostrado o empreendedorismo tendo um papel determinante no crescimento dos indicadores econômicos e na inovação. A inovação e o empreendedorismo contribuem para o desenvolvimento econômico, criando empregos e aumentando o bem-estar. Para Grilo e Thurik (2006), o empreendedorismo é a base da inovação, do aumento da produtividade, da competitividade, do desenvolvimento econômico e da criação de emprego.

Por meio de uma metáfora com o termo “ecossistema”, oriundo da Biologia, os estudos atuais sobre empreendedorismo têm se dedicado aos chamados “ecossistemas empreendedores”. Ainda sem um consenso na literatura que os defina, o termo tem sido utilizado na tentativa de sintetizar iniciativas de fomento ao empreendedorismo e desenvolvimento regional (FERREIRA e PRESTES, 2023). Os autores alertam, porém, para a possibilidade de possíveis confusões com os conceitos de arranjos produtivos locais e *clusters*. Malecki (2018), por sua vez, afirma que, na definição do conceito, é importante considerar que ecossistemas empreendedores têm semelhanças com distritos industriais, *clusters* e sistemas de inovação. Stam e Ven (2021) compreendem ecossistema empreendedor como sendo um conjunto de atores e fatores interdependentes, conduzidos de modo a possibilitar o empreendedorismo produtivo.

A abordagem de ecossistema empreendedor tem duas linhagens dominantes: a estratégica, focada em como a estrutura de uma indústria influencia o comportamento e o desempenho específico da empresa; e a do desenvolvimento regional, que trata do desempenho socioeconômico das regiões. As duas linhagens compartilham pontos comuns na abordagem de ecossistemas empreendedores e concentram-se na interdependência de atores em uma determinada comunidade para criar novos valores (ACS, STAM, *et al.*, 2017). Brown e Mason (2017) enfatizam as interações entre os participantes do ecossistema empreendedor, a sinergia entre eles e suas relações e redes. Spigel (2017) considera que, com ecossistemas empreendedores, procura-se criar e desenvolver ambientes propícios ao empreendedorismo inovativo, combinando atributos materiais, sociais e culturais para sua existência. Ao considerar os ecossistemas como um conjunto diverso de atores interdependentes numa área geográfica, a fim de criar valores econômicos, ambientais e sociais, Cohen (2006) acena para a inserção do conceito de sustentabilidade na ideia de ecossistemas empreendedores. O autor coloca como componentes dos ecossistemas empreendedores as redes de contato formal e informal, as universidades, governos, profissionais de serviço de suporte, serviços de capital e os recursos humanos disponíveis. Além de um ambiente favorecedor à criação de negócios, o autor defende que os ecossistemas empreendedores amparam a alavancagem da infraestrutura dos negócios locais.

No que concerne à criação de ecossistemas empreendedores, propõe-se que incluam um conjunto de elementos que se combinem para alavancar o desenvolvimento regional. Recomenda-se investigar as condições locais para conhecer os recursos disponíveis e compreender a vocação regional, abranger os setores público e privado, bem como direcionar a perspectiva cultural local em prol do empreendedorismo e da inovação. Para criar um ecossistema empreendedor efetivo, é imprescindível que existam alguns componentes-chave, tais como liderança, governo, cultura, fontes de capital, instituições de ensino, infraestrutura, grupos de redes formais e informais, profissionais, clientes e conhecimento para o que se pretende empreender (ISENBERG, 2010; FERREIRA e PRESTES, 2023). Acs e Szerb (2010) consideram que as atividades dos empreendedores inovadores resultam da educação empreendedora, da motivação para se envolver no empreendedorismo e na inovação e na liberdade de empreender. A produção nos ecossistemas empreendedores é incentivada pela inovação tecnológica, internacionalização e disponibilidade de financiamento.

Enfim, para Ferreira e Prestes (2023), os ecossistemas empreendedores existem sem ainda terem uma compleição definida e reconhecida por todos que deles fazem parte. Podem, ainda, ser confundidos com outros fenômenos similares, como distritos industriais, *clusters* e arranjos produtivos. Para os autores, é um campo vasto e promissor de estudo e pesquisa. “Isso, para que tentemos ir conseguindo mais conhecimentos teórico-empíricos que embasem a área, entremeios as divergências, complementaridades e igualdades de perspectivas e teorizações” (p. 20).

**A UNIVERSIDADE EMPREENDEDORA**

Um fenômeno que apoia e ajuda a justificar a necessidade da Universidade Empreendedora é a elevada taxa de desemprego entre os jovens. Conforme informado pelo IBGE (2023), no Brasil a taxa de desemprego entre as faixas etárias, no 2º trimestre de 2023, foi a seguinte: de 14 a 17 anos: 29,8%, indicando que 70,2% de nossos adolescentes estão trabalhando, ao invés de estarem se dedicando integralmente aos estudos. Isso, provavelmente, ajude a explicar a taxa de desemprego entre os jovens de 18 a 24 anos: 16,6%, resultado, em grande medida, da baixa qualificação. Dentre as pessoas de 25 a 39 anos a taxa de desemprego foi de 7,4%; de 40 a 59 anos: de 5,3%; e de 60 anos ou mais: de 3,4%. Segundo Diaconu e Dutu (2015), o desemprego dentre os jovens é alimentado pelo fato de a transição da escola para a vida ativa ser um processo difícil, que não é apoiado sistematicamente pelo ambiente acadêmico e empresarial. No caso dos empregadores, a maioria deles busca contratar pessoas com experiência. Além disso, os jovens costumam mudar frequentemente de emprego, buscando um mais satisfatório, fato este que intimida os empregadores. Assim, entre os fatores determinantes mais significativos do desemprego entre os jovens, temos: tendências demográficas, ambiente econômico e as regulamentações do mercado de trabalho e do sistema educacional. A transição das gerações jovens da escola para o emprego é um dos problemas críticos do mercado de trabalho, com um impacto econômico e social significativo. Levine (1965) já afirmava que existe uma relação direta entre a taxa de emprego da força de trabalho jovem e o crescimento econômico. O empreendedorismo é um meio para que jovens talentosos, altamente qualificados, explorem o seu potencial e rentabilizem a sua perspicácia empresarial (SHARMA e MADAN, 2013), ou seja, é a possibilidade de obterem um pró-labore, ao invés de um salário e, principalmente, lucro com seus negócios. Oyelola, Igwe, *et al.* (2014) demostraram que a resolução do problema do desemprego juvenil pode ser alcançada por meio de programas de educação para o empreendedorismo, pelo acesso a financiamento e pela disponibilidade de apoio à aceleração de empresas.

Os jovens empreendedores podem ser divididos em dois grandes grupos: aqueles que empreendem por necessidade porque não conseguem encontrar um emprego formal, e os que aproveitam uma oportunidade de negócio. Em ambos os casos, exige-se do jovem empreendedor a aplicação prática de características empreendedoras, como iniciativa, inovação, criatividade e a capacidade de assumir riscos, utilizando as competências adequadas necessárias para o sucesso do negócio (DIACONU e DUTU, 2015). Nesse sentido, a educação para o empreendedorismo deve, então, fazer com que esses jovens desenvolvam competências, ou seja, adquiram os conhecimentos e habilidades necessárias para a atitude de iniciar um negócio bem sucedido em um mercado competitivo. As universidades têm um papel de fundamental importância no desenvolvimento dessas competências, ou seja, na adoção da educação empreendedora.

**A CONTRIBUIÇÃO DA UNIVERSIDADE PARA O SUCESSO DOS SISTEMAS DE INOVAÇÃO**

Em uma economia globalizada, de livre mercado, é necessário que as universidades contribuam para o desenvolvimento regional e atuem no marketing dos resultados obtidos nas pesquisas realizadas. As universidades devem tornar-se centros de conhecimento, com o papel de implementar as estratégias das autoridades locais, baseadas nas atividades e nos recursos e prioridades com maior impacto no desenvolvimento regional. A relação entre educação universitária, inovação e pesquisa representa um eixo fundamental do conhecimento. Nesse sentido, as universidades devem transformar-se em sistemas abertos e integrados com o ambiente econômico, administrativo, político e sem fins lucrativos, para responder eficazmente aos desafios de uma sociedade baseada no conhecimento (DIACONU e DUTU, 2015).

Şerbănică (2012) destacou a contribuição das universidades para o sucesso dos sistemas de inovação nas regiões mais inovadoras da Europa. Os resultados mostram que, a maioria dos programas de inovação nessas regiões, centram-se na cooperação e nas parcerias tripartidas, envolvendo a interação entre universidades, empresas e governos. As parcerias do tipo tripla hélice são condições necessárias para o bom desempenho de zonas econômicas. O modelo de tripla hélice é uma das representações mais aceitas para explicar a capacidade de transformar o conhecimento científico em inovação tecnológica. A ideia da tripla hélice é que a universidade deixe de ter um papel social secundário, ainda que importante, de prover ensino superior e pesquisa, e assuma um papel ativo, equivalente ao da indústria e do governo, na geração de novas empresas (ETZKOWITZ e ZHOU, 2017). O modelo, desenvolvido por meio da observação dos mais importantes polos e parques tecnológicos do mundo (como o MIT, por exemplo) sugere que, geralmente, o desenvolvimento tecnológico só é possível pela parceria entre universidades, empresas e governos (TIME UFMG, 2017). Esta abordagem está integrada no conceito de “especialização inteligente”, um conceito que incentiva a concentração de recursos humanos, financeiros e inovadores, através de abordagens intersetoriais, em áreas globalmente competitivas, mas também em regiões menos desenvolvidas. O fortalecimento do papel da universidade em sistemas de inovação bem-sucedidos procede, principalmente, da preocupação em estabelecer “uma cultura de pesquisa”. Esta envolve a produção científica qualificada, a renovação dos métodos de aprendizagem, a ampliação da capacidade de pesquisa, o crescimento das receitas resultantes de atividades de pesquisa e o fortalecimento dos vínculos com as instituições que desenvolvem pesquisa. (DIACONU e DUTU, 2015).

Enquanto produtoras de informações científicas, tecnológicas, culturais etc., portanto grandes detentoras de conhecimento, as universidades e as instituições públicas de pesquisa têm um papel estratégico na concretização do desenvolvimento regional. Este exige a necessidade de parcerias fortes entre o ensino, a pesquisa, a extensão e a inovação, melhorando o desempenho educacional, a fim de melhorar o emprego dos diplomados no mercado de trabalho. Mas, tanto as universidades quanto as instituições públicas de pesquisa, têm a obrigação de desenvolver a cultura empreendedora, ou seja, as competências criativas e inovadoras de envolvimento sistemático dessas organizações na concepção e implementação de planos de desenvolvimento integrados e de parcerias locais e regionais com empresas e governos.

**PAINEL METODOLÓGICO PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO EMPREENDEDORISMO INOVADOR NA UFVJM**

Seguindo o que foi proposto por Diaconu e Dutu (2015), buscando adaptar à realidade da UFVJM no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, Brasil, é possível afirmar que o cumprimento das funções da universidade moderna pode se dar pela assimilação do conceito de empreendedorismo inovador. As ações de identificação de oportunidades gerenciais e científicas para cumprir a missão da universidade são dadas pela gestão empreendedora, um novo tipo de gestão universitária, diferente da gestão burocrática. A gestão empreendedora é um conjunto de práticas que ajudam a implantar uma mentalidade empreendedora, em todas as atividades que a universidade realiza na sua rotina diária. Nesse sentido, para desenvolver o quadro metodológico da implementação do empreendedorismo inovador nas universidades, é necessário partir dos seguintes pressupostos:

1. A implementação do conceito de empreendedorismo inovador na universidade faz parte de uma necessária mudança na gestão, para o cumprimento bem-sucedido da missão da universidade empreendedora.

2. O sucesso da implementação do conceito de empreendedorismo inovador depende da preocupação constante de melhorar o sistema processual organizacional, considerando as necessidades de todos os *stakeholders* da universidade.

As ações propostas, necessárias para apoiar um possível ecossistema empreendedor implementado pela universidade, são:

* promover a transição de uma universidade tradicional, com gestão burocrática, para uma universidade moderna, inovadora, empreendedora e com uma nova cultura, uma cultura empreendedora;
* (re)formular a Identidade Estratégica da universidade adequando-a à nova realidade;
* (re)formular os objetivos estratégicos da universidade para que o seu cumprimento aumente a competitividade, a reputação e a eficácia da sua missão;
* planejar atividades do processo de mudança e melhoria considerando todos os níveis estruturais da universidade;
* promover atividades de conscientização e aceitação do espírito empreendedor em nível individual e em todo o sistema funcional da universidade;
* promover atividades para estimular a criatividade individual e coletiva, e a paixão por trabalhar efetivamente para o bem da sociedade;
* promover atividades para estimular a antecipação e aprovação da mudança e do empreendedorismo;
* promover atividades que combinem estudo acadêmico rigoroso com inovação entusiasmada;
* promover atividades motivacionais de alunos e professores;
* promover atividades para melhorar a função comercial, para aumentar o prestígio da universidade e identificar novas fontes de financiamento empresarial;
* promover atividades para cultivar a atitude proativa em todos os níveis estruturais, buscando uma comunicação eficaz com as empresas;
* promover o conceito de empreendedorismo inovador através da utilização de métodos modernos de aprendizagem, que estimulem a criatividade dos jovens e o desenvolvimento de competências profissionais exigidas pelo mercado de trabalho;
* operacionalizar as colaborações interinstitucionais, do fluxo contínuo de informação e de um adequado quadro logístico para facilitar a transferência de conhecimento;
* formar os jovens num espírito de inovação, empreendedorismo, trabalho em equipe, flexibilidade, ética, desempenho acadêmico e profissional excelentes e adaptabilidade às mudanças do mercado de trabalho;
* promover a formação no perfil de competências adequadas ao mercado, de modo a serem capazes de gerar informações e transferir conhecimento para a sociedade.

Passos para implementar as atividades da universidade com foco no apoio ao ecossistema empreendedor:

1. Análise da situação atual da pesquisa e inovação, a fim de avançar na competitividade e melhorar a imagem da universidade no mercado educacional universitário;
2. Estabelecer objetivos estratégicos condizentes com o aumento da contribuição da universidade em apoiar o ecossistema empreendedor:
* introdução do empreendedorismo como tema transversal nos currículos da universidade;
* promover métodos de aprendizagem interativos, como a simulação empresarial, e criar um suporte pedagógico inovador em cada estrutura acadêmica;
* melhorar a formação prática especializada dos estudantes (habilidades), por meio do estabelecimento de parcerias atrativas com o meio empresarial, e do fortalecimento das estruturas existentes, como as empresas juniores e as equipes de competição de engenharia, por exemplo;
* adoção do conceito de aprendizagem continuada em todos os setores da universidade;
* desenvolver uma infraestrutura adequada para apoiar a pesquisa, a inovação e o empreendedorismo em colaboração com o ambiente empresarial;
* obtenção de recursos financeiros para atividades de pesquisa e inovação;
* criar e/ou aperfeiçoar estruturas que permitam uma melhor utilização da propriedade intelectual e apoiem investimentos em pesquisa, inovação e desenvolvimento regional.
1. Reorganização da estrutura organizacional para que seja capaz de garantir a entrega de resultados de pesquisa científica, transferência de tecnologia e uma boa colaboração acadêmica com a indústria e o ambiente empresarial. Para tanto é necessário:
* criar/melhorar os centros de pesquisa e um setor de transferência de tecnologia;
* criar estruturas capazes de acrescentar valor ao *stock* de conhecimento, a partir da comercialização de direitos de propriedade intelectual;
* criar espaços apropriados ao *coworking*;
* criar incubadoras de empresas, parques tecnológicos, industriais e de pesquisas, bem como fundações universitárias e empresariais para estimular e apoiar uma maior participação na transferência de conhecimento e tecnologia.
1. Desenvolver procedimentos sistêmicos e operacionais, considerando a vocação regional, para apoiar o desenvolvimento de atividades de pesquisa e inovação para a produção vegetal e animal, agregando valor e aumentando oportunidades de trabalho e renda nas atividades econômicas tradicionais.
2. Por fim, envolver os *stakeholders* no trabalho da universidade na estrutura do ecossistema empreendedor, especialmente no apoio em estabelecer parcerias com empresas para promover a inovação, a excelência e a exploração dos direitos de propriedade intelectual.

**CONCLUSÕES**

Este trabalho baseou-se na revisão da literatura que trata dos conceitos de empreendedorismo, empreendedorismo inovador, universidade empreendedora, ecossistema empreendedor e empreendedorismo jovem. Tem como referência central o estudo denominado “*The Role of the Modern University in Supporting the Entrepreneurial Ecosystem*”, de Diaconu e Dutu (2015), sobre a necessidade da contribuição da universidade moderna para o desenvolvimento das chamadas “alianças de conhecimento”. Essas alianças são parcerias entre educação, pesquisa e inovação, capazes de desenvolver a cultura empreendedora e as competências criativas e inovadoras para apoiar a transferência de conhecimentos e os resultados da pesquisa universitária para implementar planos integrados pelo desenvolvimento regional. Buscou-se adequar o painel metodológico à realidade do Vale do Jequitinhonha, uma das regiões de abrangência da UFVJM, bem como à própria universidade.

Como visto, na literatura o empreendedorismo é considerado básico para a inovação, o aumento da produtividade, da competitividade e do desenvolvimento econômico. O empreendedorismo inovador, por sua vez, é considerado essencial para apoiar as economias de mercado emergentes. Nestas, a inovação, a educação, a sociedade da informação, a competitividade e o mercado de trabalho são os principais desafios para suas economias.

A universidade, com uma gestão empreendedora, é um componente primordial do ecossistema empreendedor. A educação e a cultura empresarial, o envolvimento do corpo docente e dos estudantes em atividades empreendedoras e os resultados da pesquisa transformados em inovação tecnológica, são as variáveis incluídas na equação da relação entre o desenvolvimento econômico e o ecossistema empreendedor. Desse modo, ela pode determinar o sucesso do ecossistema empreendedor e do desenvolvimento regional. As universidades devem ser sistemas abertos e integrados com o ambiente econômico, político e administrativo, buscando garantir o desenvolvimento econômico regional, especialmente nas regiões menos desenvolvidas.

Constatou-se que a literatura é abundante em estudos que demonstram a necessidade da colaboração eficaz entre as universidades e o ambiente empresarial para assegurar a valorização inovadora dos recursos. Para sustentar o sucesso dos sistemas de inovação, a universidade deve preocupar-se com o desenvolvimento dos elementos da cultura de pesquisa, inovação e empreendedorismo, visando aproveitar os resultados da pesquisa no desenvolvimento econômico. A criação de laços entre educação, pesquisa e inovação melhoram o desempenho da aprendizagem para a inserção dos diplomados no mercado de trabalho e para o empreendedorismo inovador.

O modelo universitário exigido pelo atual contexto socioeconômico, especialmente para uma universidade localizada em uma região carente como é o Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais, Brasil, é o de uma universidade empreendedora e inovadora. Isso passa, necessariamente, pela implementação de um novo tipo de gestão universitária, a gestão empreendedora. Esta é caracterizada pela flexibilidade, pelo compromisso com o desenvolvimento regional sustentável (adequado ao conceito e aos princípios da ESG - *Environmental, Social and Governance*), pela utilização criativa dos recursos humanos, pela disseminação das informações - transparência, pela busca incessante de recursos financeiros e pela competitividade organizacional, buscando melhorias nos *rankings* universitários nacionais e internacionais. Nesse sentido, este artigo propõe um conjunto de ações de gestão acadêmica, para que a universidade se torne mais empreendedora por meio das atividades que desenvolve. Essas ações referem-se às mudanças a serem implementadas pela alta direção da universidade, se esta adotar uma abordagem empreendedora e inovadora como um processo de apoio a um ecossistema empreendedor. Acredita-se que este trabalho fornece subsídios para pesquisas relacionadas a até que ponto as universidades compreendem e adotam esse novo conceito na gestão universitária, para estudos nas demais áreas de abrangência da UFVJM, bem como para estudos de outras universidades localizadas em regiões economicamente carentes.

# REFERÊNCIAS

ABSTARTUPS. Ecossistema de empreendedorismo inovador. **Associação Brasileira de Startups**, 2023. Disponivel em: <https://abstartups.com.br/ecossistema-de-empreendedorismo-inovador/>. Acesso em: 1 Setembro 2023.

ACS, Z. J. et al. The lineages of the entrepreneurial ecosystem approach. **Small Business Economics**, 49, n. 1, 11 Maio 2017. 1-10.

BROWN, R.; MASON, C. Looking inside the spiky bits: a critical review and conceptualisation of entrepreneurial ecosystems. **Small Business Economics**, 2017. 11–30.

BROWN, T. E.; ULIJN, J. **Innovation, entrepreneurship and culture:** the interaction between technology, progress and economic growth. Northampton: Edward Elgar Publishing, Inc., 2004. ISBN ISBN 1 84376 346 X.

COHEN, B. Sustainable valley entrepreneurial ecosystems. **Business Strategy and the Environment**, 21 March 2006. 1-14.

CRISAN, P. Aspecte dilematice ale relaţiei antreprenoriat – strategii de co­opetiţie. **Management Intercultural**, Timisoara, XII, n. 22, 2010. 1-6.

DAHLSTRAND, A. L.; STEVENSON, L. Innovative Entrepreneurship Policy: Linking innovation and entrepreneurship in a European context. **Annals of Innovation & Entrepreneurship**, 25 Janeiro 2017. 1-15.

DEGEN, R. J. **O empreendedor:** empreender como opção de carreira. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

DIACONU, M.; DUTU, A. The Role of the Modern University in Supporting the Entrepreneurial Ecosystem. **European Journal of Interdisciplinary Studies**, Bucareste, 7, n. 1, 2015. 11-24.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo Corporativo:** como ser empreendedor, inovar e se diferenciar na sua empresa. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. 166 p p.

ETZKOWITZ, H.; ZHOU, C. Hélice Tríplice: inovação e empreendedorismo universidade-indústria-governo. **Estudos Avançados**, 31, n. 90, May-Aug 2017. 23-48.

FAPESP. Como reduzir a pobreza no Vale do Jequitinhonha. **Revista Pesquisa FAPESP**, São Paulo, n. 76, junho 2002. Disponivel em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/como-reduzir-a-pobreza-no-vale-do-jequitinhonha/>.

FERREIRA, F. L. A.; PRESTES, J. A. ECOSSISTEMAS EMPREENDEDORES: UMA DISCUSÃO SOBRE OS ASPECTOS GERAIS QUE OS NORTEIAM. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, Curitiba, 8, n. EE, Julho 2023. 11-22.

GRILO, I.; THURIK, R. Latent and Actual Entrepreneurship in Europe and the US: Some Recent Developments. **The International Entrepreneurship and Management Journal**, 4, 2006. 441-.

HENRIQUES, M. S. Sobre o Vale do Jequitinhonha. **Polo Jequitinhonha | UFMG**, 2018. Disponivel em: <https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/o-vale/sobre-o-vale-do-jequitinhonha/>. Acesso em: 1 Setembro 2023.

IBGE. PNAD Contínua - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. **IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2023. Disponivel em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html>. Acesso em: 3 Setembro 2023.

ISENBERG, D. The Big Idea: How to start an entrepreneurial Revolution. **Harvard Business Review (HBR)**, Boston, 2010. 41-49.

LEVINE, L. Implications of the Anti-Poverty Program for Education and Employment. **Vocational Guidance Quarterly**, 14, n. 1, 1965. 8-15.

MALECKI, E. J. Entrepreneurship and entrepreneurial ecosystems. **Geography Compass**, Nova Jersey, 2018. 1-21.

OCDE. **Manual de Oslo: Proposta de Diretrizes para Coleta e Interpretação de Dados sobre Inovação Tecnológica**. FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos. Rio de Janeiro, p. 136. 2004.

OLIVEIRA, L. C. D.; OLIVEIRA, O. H. F. D.; SANT'ANNA, A. G. MODELO DE COMPETÊNCIA INTRAEMPREENDEDORA PARA UMA GESTÃO MUNICIPAL EFETIVA. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, Curitiba, 6, n. 4, jul-ago 2021. 22-51.

OYELOLA, O. T. et al. Entrepreneurship Education: Solution to Youth Unemployment in Nigeria. **Journal of Poverty, Investment and Development**, 5, 2014. 149-157.

ŞERBăNICă, C. Best Practices in Universities’ Regional Engagement. Towards Smart Specialisation. **European Journal of Interdisciplinary Studies**, 4, n. 2, 2012. 45-55.

SHARMA, L.; MADAN, P. Affect on individual factor son youth entrepreneurship – a study of Uttarakhand state, India. **Journal of Asia Entrepreneurship and Sustainability**, Oxford, UK, XI, n. 2, December 2013. 70-97.

SPIGEL, B. The relational organization of entrepreneurial ecosystems. **ENTREPRENEURSHIP THEORY and PRACTICE**, 1, January 2017. 49-72.

STAM, E.; VEN, A. V. D. Entrepreneurial ecosystem elements. **Small Business Economics**, 2021. 809–832.

TIME UFVJM. Você já ouviu falar do modelo de tripla hélice para inovação? **Núcleo de Tecnologias Inovadoras em Marketing e Empreendedorismo (TIME)**, 2017. Disponivel em: <https://pesquisas.face.ufmg.br/time/2017/01/27/voce-ja-ouviu-falar-do-modelo-de-tripla-helice-para-inovacao/>. Acesso em: 5 Setembro 2023.

UNIVERSIDADES EMPREENDEDORAS. RANKINGS. **Universidades Empreendedoras**, 2021. Disponivel em: <https://universidadesempreendedoras.org/>. Acesso em: 1 Setembro 2023.

ZSUZSANNAA, S. K.; HERMAN, E. Innovative Entrepreneurship for Economic Development in EU. **Procedia Economics and Finance**, 3, 2012. 268 – 275.